

DESENVOLVIMENTO INFANTIL E SÍNDROME DE DOWN (SD): UMA ANÁLISE DE CASO CLÍNICO À LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Eixo 3 – Avaliação e (re)habilitação neuropsicológica

Yorrana Ferreira Tomaz de Lima; Universidade Federal do Ceará; *yorranjapsi@gmail.com*
Amanda Biasi Callegari; Universidade Federal do Ceará; *amandabiasi@sobral.ufc.br*

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma análise, a partir das contribuições teórico-metodológicas da Psicologia Histórico-Cultural, de um caso clínico infantil acompanhado em um serviço público voltado para atendimento de pessoas com necessidades educativas especiais em uma cidade no interior do Ceará. O caso escolhido se destaca pelo sujeito em foco de intervenção ser possuidor de Síndrome de Down (SD). As crianças identificadas com SD têm um atraso no desenvolvimento motor e de habilidades que conferem autonomia, tais como andar, falar, controlar os esfíncteres, dentre outras (CANNING & PUESCHEL, 1993).

No entanto, essa condição, que já foi tratada como transtorno, hoje é vista como síndrome, considerando que as pessoas que a possuem apresentam diversas potencialidades, podendo expressá-las quando estimuladas em atividades apropriadas (EIDT & TULESKI, 2007). O objetivo desta pesquisa é analisar quatro sessões de atividade realizadas com uma pessoa com SD, demonstrando que essa síndrome é uma condição cujos aspectos psicológicos envolvidos devem ser considerados para além das questões biológicas. Reconhecendo, como postulou Vigotski (2011), que a real deficiência está no meio cultural, aponta-se que quando o ser humano não realiza o seu desenvolvimento pelas vias normais, é a cultura, isto é, os instrumentos físicos e psicológicos criados pelo ser humano, que devem criar meios indiretos ou vias colaterais para possibilitar o desenvolvimento. Nesse sentido, compreende-se que as atividades realizadas, tiveram o objetivo de utilização dos instrumentos físicos (como materiais de papel, tintas, pinça, pregadores, etc.) e instrumentos psicológicos (como sinais, verbalizações, comandos por meio da linguagem, indicação com gestos) tanto para avaliar como para promover o desenvolvimento do sujeito em questão.

METODOLOGIA

Será realizada uma análise do quadro de criança com Síndrome de Down (SD), acompanhado na experiência do estágio em uma instituição pública de atendimento às pessoas

com necessidades educativas especiais, a partir dos aparatos teóricos da Psicologia Histórico-Cultural e dos apontamentos de Vigotski (2011) na área da Defectologia.

DESENVOLVIMENTO

A presente análise ganhou subsídios a partir da experiência de estágio em um Núcleo Municipal de Atendimento Especializado em cidade no interior do estado do Ceará. Essa instituição tem o objetivo de oferecer serviços públicos especializados, de caráter multidisciplinar e intersetorial, nas áreas da educação, da saúde e da cidadania, às pessoas com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento. O perfil dos usuários é, majoritariamente, de crianças, mas também comporta adolescentes. De maneira mais detalhada, os serviços oferecidos são: atendimento clínico individual nas áreas de psicologia, psicopedagogia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia; assistência pedagógica individual e coletiva; educação especial para o trabalho, visando inserção social, e também a potencialização de habilidades artísticas, motoras, intelectuais, entre outras.

O caso específico que será analisado neste trabalho diz respeito a uma pessoa com diagnóstico de Síndrome de Down (SD) e atraso cognitivo, Arthur (nome fictício), que é atendido pelo Núcleo desde 2016, tendo sido encaminhado por um psiquiatra. Pelas observações às atividades acompanhadas no caso, realizados de maneira remota devido a pandemia, nota-se que Arthur apresenta baixa mobilidade dos músculos orofaciais e intercâmbio conversacional escasso, apenas gesticulando ou sorrindo, sem pronunciar sentenças.

Neste trabalho serão relatadas observações de quatro sessões, cujas atividades foram propostas pelos psicólogos e fonoaudiólogos do serviço. Na primeira sessão, a atividade supervisionada tinha objetivo de desenvolver a coordenação motora fina, no qual Arthur tinha que levar papéis amassados em formato de bola, com uma pinça, de um recipiente para outro, por duas vezes e com a mão direita. Sua mãe esteve auxiliando durante a execução e ela percebia mais facilmente quando ele estava ficando irritado com os comandos – já que suas expressões faciais e gestos em geral são bastante sutis. Arthur, por vezes, transportava as bolinhas com a própria mão (principalmente quando elas caíam no meio do caminho) e/ou com a mão esquerda. Entretanto, até o final da sessão cumpriu as orientações iniciais, apesar da aparente indisposição. Compreende-se, a partir das contribuições de Vigotski (2011) na área da Defectologia, que as formas complexas de comportamento da criança podem se realizar a partir de uma estrutura de caminhos indiretos, principalmente quando os caminhos diretos não são

possíveis. Nesse caso, verifica-se uma lógica diferente no comportamento de Arthur: apesar da dificuldade, ele não desiste da tarefa e busca outros caminhos para realizá-la. No entanto, ele recorre ao caminho mais direto e não o mais indireto, que é a utilização das mãos ao invés da pinça. Outro ponto é o papel do afeto que, segundo Vigotski (2011), tem importância central no desenvolvimento infantil, como quando Arthur demonstra o hábito de olhar para sua mãe, principalmente em operações que ele apresentava dificuldades em executar.

Na segunda atividade supervisionada, utilizou-se como material um produto resultado de uma tarefa que havia sido passada para realizar em casa, que consistiu na construção de um disco de papelão pintado em seis cores, em espaços triangulares, bem como a pintura de seis pregadores com as respectivas cores. O foco da atividade era desenvolver a habilidade de associação de cores. Nesse sentido, a execução da atividade consistiu em, estando dispostos aleatoriamente os pregadores à mesa, que, um a um, fossem pregados na parte do disco pintada com a cor correspondente. No contexto dessa atividade, os profissionais perguntavam, por exemplo, “qual a cor azul?”, para que Arthur apontasse em algum pregador ou no disco, e assim ele fazia. Também se dirigiam aos objetos do seu entorno para se referir às cores, como por exemplo: “qual pregador tem a cor da blusa da mamãe?”. A atividade foi bastante fluida e Arthur conseguiu realizá-la de maneira assertiva. Aparentemente, essa atividade estava aquém do nível de desenvolvimento de Arthur, por isso ocorreu de forma fluida. No entanto, como demonstrou Vigotski (2011, p. 866), “o desenvolvimento de formas superiores de comportamento acontece sob pressão da necessidade”, isto é, se faz necessário que o profissional organize as atividades de modo a considerar a zona de desenvolvimento próximo da criança, aquilo que ela já é capaz de realizar acompanhada e sozinha, mas que dificulte a tarefa, dentro das possibilidades, para que ela possa intelectualizar seu comportamento, buscar por recursos para realizá-las.

Na terceira sessão, a atividade supervisionada se propunha a trabalhar as habilidades de associação, atenção, memória e raciocínio lógico. Se tinham peças em par de cores (uma variedade de 12 cores), com ilustrações e frases. Por exemplo, duas peças na cor laranja, uma com imagem de um menino descendo uma escada, outra com imagem de uma garota subindo uma escada. Arthur deveria escolher uma peça a seu gosto, depois os profissionais presentes e sua mãe poderiam comentar sobre a situação ali descrita, inclusive relacionando com momentos em que ele mesmo desempenha àquela ação no seu cotidiano, e depois pedindo para ele identificar qual peça daquelas reunidas expressa o movimento contrário ao da primeira e da

mesma cor, e assim sucessivamente. Por ocasião dos comentários sobre as cenas contidas nas peças, era possível conhecer mais sobre o Arthur, seus hábitos, suas preferências, suas dificuldades, tentando apreender melhor sua personalidade e suas possibilidades de aprendizagem. Compreendeu-se, por exemplo, que ele não gosta de chuva e que tem muito medo de trovão e que ele sempre dorme com as fotos reveladas de todos os seus familiares queridos.

Apesar de não se expressar verbalmente, nessa dinâmica, Arthur mostrava empolgação em responder, uma vez que antes mesmo do comando ser completado, ele já estava respondendo, ou seja, alinhando as peças próximas uma da outra, sem cometer nenhum equívoco. Nessa atividade, em certos momentos, Arthur sorria de canto, demonstrando seu contentamento. Verifica-se que nesta sessão a atividade pareceu estar mais próxima da zona de desenvolvimento próximo de Arthur, ou seja, mais adequada ao seu nível de desenvolvimento psíquico. O fato de ser uma atividade que relaciona não apenas cores, mas também situações correlatas e inversas impuseram a Arthur que ele realizasse operações intelectuais mais complexas, que correspondem a necessidades mais complexas. Como explica Vigotski (2011, p. 867), por meio dessas atividades de natureza cultural, que estão no âmbito educativo, “a educação surge em auxílio, criando técnicas artificiais, culturais, um sistema especial de signos ou símbolos culturais adaptados às peculiaridades da organização psicofisiológica da criança”, especialmente a criança com necessidades educativas especiais.

Na quarta sessão, a proposta foi de utilização das figuras que representam emoções, e então, era solicitado a Arthur que fizesse uma imitação daquelas expressões faciais. Quando lhe foi solicitado expressar tristeza, Arthur fechava os olhos rapidamente e abria um pouco a boca; quando lhe foi solicitado expressar alegria, ele abria um pouco mais a boca e abria os olhos normalmente. Vigotski (2000) destaca o papel da imitação no desenvolvimento psíquico infantil da criança que não possui transtornos intelectuais, mas é possível inferir a importância desse recurso também no caso da SD, uma vez que nesse processo, a criança é capaz de apreender os signos culturais. Nessa sessão, trabalhou-se com Arthur a apropriação das expressões faciais correspondentes a emoções, que é algo exclusivamente humano, isto é, algo próprio da cultura humana.

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES



Considera-se que as atividades propostas na instituição para o atendimento de uma pessoa com Síndrome de Down (SD) buscavam tanto avaliar o desenvolvimento das funções psicológicas, superiores, como atenção e pensamento, como atuar para o seu desenvolvimento. Para isso, foram realizadas atividades utilizando instrumentos físicos (como materiais de papel, tintas, pinças, pregadores, etc.) e instrumentos psicológicos (como sinais, verbalizações, comandos por meio da linguagem, indicação com gestos). Compreende-se que para o desenvolvimento cultural do psiquismo, tanto em crianças sem transtornos intelectuais e/ou SD, quanto no caso das crianças possuidoras dessas condições, deve ser criada uma técnica de caminhos alternativos que esteja em relação com os meios externos do comportamento cultural (VIGOTSKI, 2011).

Palavras-chave: Necessidades educativas especiais. Psicologia Histórico-Cultural; Síndrome de Down (SD).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANNING C.D; PUESCHEL S.M. Expectativas de desenvolvimento: visão panorâmica. In: Pueschel SM, org. **Síndrome de Down: guia para pais e educadores**. Tradução Lúcia Helena Reily. Campinas: Papyrus; 1993.

EIDT, N. M.; TULESKI, S. C. **Repensando os distúrbios de aprendizagem a partir da psicologia histórico-cultural**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 3, p. 531-540, set./dez. 2007.

VIGOTSKI, L. S. Capítulo 6 - Estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos na infância: experiência de construção de uma hipótese de trabalho. In: **Vigotsky, L. S. A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal**. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.